CONSUMISMO E RELAÇÕES HUMANAS: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DO "FICAR" ENTRE UM GRUPO DE JOVENS CAPIXABAS

Natália Corrêa Pereira[1]

Vicente de Paulo Colodeti[2]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações interpessoais contemporâneas, com a teoria de Bauman sobre relações líquidas de plano de fundo, buscando compreender a partir de uma pesquisa de campo se a prática do consumo em larga escala consegue afetar o modo como as pessoas se relacionam afetivamente. Foram realizados dois formatos de entrevistas tendo como público o jovem capixaba. O primeiro formato foi via formulário no qual 14 pessoas, com idade de 15 a 25 anos foram entrevistados. O segundo formato de entrevista foi extenso e semiestruturado, tendo uma abordagem qualitativa e contou com 10 entrevistados. A partir dos resultados coletados nesse estudo é possível concluir que as relações amorosas no mundo contemporâneo sofrem forte influência do consumismo, onde o "ficar", nova forma de relacionamento da atualidade, se resume em um mero ato de consumo de sujeito-objeto, no qual não há a necessidade de sentimentos prévios. Vale salientar, que este artigo contribui para a elucidação e reflexão das relações amorosas jovens na contemporaneidade, porém não esgota o tema, por tratar de questões subjetivas complexas são necessários estudos mais aprofundados com uma larga escala de participantes.

Palavras-chave: Relações líquidas. Jovens. Consumo. Ficar.

ABSTRACT

The present work aims to analyze contemporary interpersonal relationships, with Bauman's theory of liquid relationships, seeking to understand by means of field work whether the practice of large-scale consumption can affect the way people affectively connect. Two formats of interviews were carried out with the people of Espírito Santo as an audience. The first format was via a form in which 14 people aged between 15 and 25 were interviewed. The second interview format was extensive and semi-structured, with a qualitative approach and had 10 interviewees. From the results collected in this study, it is possible to conclude that love relationships in the contemporary world are strongly influenced by consumerism, where "hooking up", a new form of relationship, reduce in a mere act of subject-object consumption, in which there is no need for previous feelings. It is worth mentioning that this article contributes to the elucidation and reflection of young romantic relationships in contemporary times, but it does not exhaust the topic, as it deals with complex subjective issues, further

[1] Graduanda do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano. E-mail: nataliacp1@hotmail.com.

[2] Graduando em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor do Unisales e atua como pesquisador do Centro de Política Comparada do departamento de Ciências Sociais da UFES. E-mail: vcolodeti@ucv.edu.br.

studies are needed with a large scale of participants.

Keywords: Liquid Relationships. Young. Consumption. Hooking up.

1 INTRODUÇÃO

As relações humanas são tão intrínsecas ao sujeito quanto a própria existência humana. O homem é uma criatura gregária, ou seja, principalmente social, desde o momento de seu nascimento, desde o momento em que propõe sua primeira relação com a família e o grupo social. O conceito de Aristóteles do homem como animal político pode ser interpretado como, para o pensador, quando o homem é um animal político, significa que é um ser que precisa de vida coletiva, vida comunitária e vida compartilhada em sociedade.

As relações interpessoais contemporâneas têm suscitado inúmeras discussões devido às importantes mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas. Entre eles, evidenciamos a globalização dos regimes flexíveis de acumulação de capital e suas dimensões culturais, tecnológicas e socioeconômicas.

Ao falar sobre relacionamentos nesta sociedade fluida, é importante perceber que nada pode ser generalizado, mas é necessário estar disposto a se autocriticar e autoanalisar sobre a questão apontada. As relações contemporâneas são caracterizadas pela fluidez, mais superficialidade e menos disposição para relações duradouras (BAUMAN, 2004).

No âmbito neoliberal da economia capitalista, o indivíduo necessita de um alto grau de objetividade e pragmatismo para poder responder às demandas que lhe são colocadas. Além disso, para não ser excluído do sistema de produção e consumo, o indivíduo é obrigado a alcançar uma flexibilidade que lhe permita seguir os princípios do mercado. Podemos destacar três resultados do capitalismo que geram consequências que parecem ter um impacto nas relações amorosas: 1) a desregulamentação, flexibilidade e volatilidade das regras e normas político-econômicas orientadas para o mercado; 2) o impacto do indivíduo em seu próprio bem estar, priorizando a individualidade; 3) promover o estabelecimento de relações interpessoais essencialmente utilitárias, em que os outros se coloquem na posição de instrumentos ou meios para alcançar a autossatisfação.

Um dos possíveis efeitos da nova forma de capitalismo na própria relação amorosa é justamente a forma como muitas pessoas estão acostumadas a interagir umas com as

outras. Por exemplo, como acontece na maioria das vezes na prática do “ficar” (CHAVES, 2004), o outro é visto como objeto de gozo, fonte de prazer e prazer. Mesmo que a outra pessoa não seja vista como um meio para obter gratificação própria, manter um relacionamento amoroso estável com ela pode ser visto como um compromisso e responsabilidade adicional do indivíduo, pois ele precisa responder a diversas obrigações e demandas em uma sociedade competitiva, tendo como guia as leis de mercado. Com essa percepção, os indivíduos podem acabar optando por relacionamentos amorosos casuais ou descomprometidos, ou mesmo que desejem ter um relacionamento estável, podem não conseguir mais enfrentar esse investimento.

O intuito deste trabalho é analisar se realmente há essa fluidez nos relacionamentos contemporâneos e se o consumismo afeta essas relações. Para isso foram realizadas pesquisas com o público jovem, residentes de Vitória buscando entender se de fato há essa liquidez nos relacionamentos, por fim, foi desenvolvida uma análise dos dados coletados, a fim de resolver a problemática apresentada.

Dito isso, no item 2 dissertaremos sobre como foi construído o sujeito hiper consumista. Após isso, no item 3 falaremos sobre as relações interpessoais contemporâneas. Em seguida, apontaremos as principais características metodológicas desta pesquisa. Buscamos, no item 5, analisar os dados coletados a partir de nossa leitura teórica, dando uma resposta ao nosso problema de pesquisa. Finalizamos este breve artigo com as considerações finais.

2 A PASSAGEM DA MODERNIDADE PARA A PÓS-MODERNIDADE

A pós-modernidade representa uma "ruptura" com o antigo modo linear de pensamento, defendido pelo Iluminismo moderno[3]. A modernidade apoiava-se na defesa da razão e da ciência, como parte do programa de desenvolvimento humano. Período que pretendia trazer luz à sociedade com progresso da ciência a partir de invenções e avanços na medicina (REALE, 2018).

No entanto, com os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), um forte sentimento de insatisfação e decepção emergiu na sociedade e com isso houve um estremecimento das ideias propostas pelos iluministas.

Se a modernidade apresentava a certeza, a verdade e a crença absoluta na ciência e,

[3] Chamado de “séculos das luzes", o Iluminismo foi um movimento intelectual, filosófico e cultural que teve surgimento na Europa, durante os séculos XVII e XVIII, defendia o uso da razão e da ciência.

na razão, a pós-modernidade nega qualquer fundamentação que se determine como “modelo” e qualquer filosofia que se apresente como a detentora da verdade. Para alguns autores pós-modernos, o que existe são apenas narrativas sobre o real, dessa forma, toda a visão de mundo totalizante que se diz detentora da verdade, trata-se de uma visão, em última análise, equivocada.

Dito isso, busquemos aprofundar, a seguir, o tema da pós-modernidade a partir de autores relevantes para o presente artigo, a saber: Lyotard (2009), Levinás (1982), Lipovetsky (2004), Bauman (2004) e Fromm (1986).

Lyotard (2009), ao tratar da pós-modernidade, partiu da ideia segundo a qual os saberes como a arte, a ciência e a literatura sofreram grandes mudanças no século XX, em decorrência da propagação da grandes narrativas ideológicas, denominadas de metanarrativas, que sustentavam o projeto da modernidade, ou seja, o projeto Iluminista.

Vale notar que, um exemplo de metanarrativa, é justamente a filosofia iluminista fundamentada na razão e no conhecimento científico, que tinha como discurso melhorar a qualidade de vida da humanidade, por meio da tecnologia e da ciência, algo que ocorreu até um certo ponto, visto que proporcionou, entre outras coisas: 1) o surgimento de curas para doenças, a partir de tratamentos mais adequados; 2) a evolução das pesquisas científicas; e, 3) a criação de métodos de alfabetização em larga escala. No entanto, esses avanços na tecnologia, também criaram as armas nucleares de destruição em massa, as quais serviram efetivamente para ceifar a vida de milhares de pessoas.

Outro exemplo, é o socialismo proposto por Karl Marx (2005), de acordo com o mesmo os trabalhadores ao tomarem o poder dariam início a uma revolução, sendo responsáveis pela transição do capitalismo para o socialismo. Os trabalhadores tendo acesso aos meios de produção, fomentam mais igualdade na sociedade. Dessa forma, o sistema posteriormente se tornaria comunista: uma sociedade mais desenvolvida no âmbito das relações humanas, sem classes, sem Estado e sem “dono” dos meios de produção. Enfim, uma sociedade em que cada trabalhador teria acesso ao que produziu, de forma igualitária. Ao olharmos para a realidade contemporânea vemos a dissemelhança da teoria para a prática: na prática vemos regimes totalitários como em Cuba, China e Rússia, regimes dos quais limitam a liberdade do povo, além de ferirem os direitos humanos.

Dados exemplos, é possível perceber o porquê as narrativas que se apresentem como

proposta de formar consensos universais, acabam gerando desconfiança para os pós-modernos. Narrativas essas, que podem se apresentar como sistemas que condicionam toda uma sociedade, sendo assim, as buscas por um projeto universal e unitário “caíram por terra”. Lyotard (2009) não acredita que há um sentido na história, para ele o que caracteriza o período pós-moderno[4] não é uma unidade mas sim um múltiplo e esse múltiplo veio para substituir o pensamento unitário.

Vale salientar que o homem na idade média, tinha Deus como verdade, o homem moderno tirou a verdade da religião e depositou na razão e na ciência. Com a crise na ciência, o homem contemporâneo se enxerga fragmentado em um mundo de possibilidades.

Este homem se vê em meio a esse múltiplo, sem uma “verdade” a se apegar, afinal, não há verdade, tudo se trata de narrativas, então perde-se as convicções sobre o mundo. Perde-se o senso de pertencimento, onde tudo não passa de uma forma de interpretação da realidade.

Para Fromm (1986) o homem sente a necessidade de pertencer a algo e com isso busca se encaixar no sistema vigente. O sistema capitalista impulsiona o indivíduo a consumir, por consequência disso o indivíduo se torna um consumidor. Imerso nesse sistema o indivíduo acaba transformando tudo em objeto de consumo, isso inclui as relações que o cercam.

Isso inflige a dignidade humana, porque o homem não tem seu “Ser” sendo visto em um caráter inviolável. O "Ser" é estabelecido pelo o que ele tem, pela estética dele, pelo cargo que ocupa, pelas roupas que veste.

Levinás (1982), ao se deparar com todas as catástrofes causadas pelas grandes guerras, vai em defesa do Alter em sua infinita transcendência. A principal crítica dele é que no mundo moderno o ser humano ficou tão preso no “Eu”, no desejo de poder, de consumo e de produção que se tornou individualista e egoísta e com isso passou a olhar apenas para si mesmo, deixando de olhar para o “Outro”. Isso culminou em guerras, preconceitos e tragédias. O “Outro” sendo reduzido ao “eu”, desvaloriza a alteridade, não permitindo que as pessoas sejam respeitadas em sua singularidade, a humanidade delas é ignorada e elas são vistas como descartáveis.

Lipovetsky (2004) acredita que a nova era (hipermodernidade) é marcada pelo

---

[4] Alguns autores usam outros termos para nomear a pós-modernidade, o filósofo francês Gilles Lipovetsky a denomina de hipermodernidade e o sociólogo Zygmunt Bauman a chama de modernidade líquida.

individualismo, pela mudança e pela fragilidade dos laços coletivos. Ele não chama de pós-modernidade, pois para ele a modernidade não foi superada, muito pelo contrário, o filósofo trata a modernidade como hipermodernidade, justamente para trazer a ideia de modernidade exagerada. O universo hipermoderno é, então, o crescimento, então, exacerbado de tudo o que representava a modernidade.

No tópico a seguir falaremos melhor sobre como o consumo influencia na formação do sujeito contemporâneo, tópico este que é de extrema importância para a construção da pesquisa empírica.

2.1 Influências do consumo no sujeito contemporâneo

O ato de consumir é algo inato ao ser humano, vale destacar que me refiro ao consumo quanto manutenção da vida, ou seja, precisamos de uma certa maneira, consumir para sobreviver, entretanto essa nova era se transformou em hiper consumista, isto é, o consumo se tornou um fim em si mesmo. Antes havia o critério da necessidade: comprar uma roupa pela necessidade de se agasalhar, por exemplo.

> A civilização do bem-estar consumista constituiu o grande coveiro histórico da ideologia gloriosa do dever. Ao longo da segunda metade do século, a lógica do consumo de massas dissolveu o universo das homilias moralizadoras, erradicou os imperativos rigoristas e engendrou uma cultura onde a felicidade se impõe como mandamento moral, os prazeres ao proibido, a sedução à obrigação. [...] O culto da felicidade em massa veio a generalizar a legitimidade dos prazeres e contribuir para a promoção da febre da autonomia individual (LIPOVETSKY, 2004, p. 60).

Dessa forma, as pessoas buscam exaltar sua individualidade ao consumir e os produtos inclinam-se a atender tais expectativas, as pessoas passam a ver uma beleza em certos itens que lhes despertam alguma emoção. Isso ocorre precisamente, porque as mercadorias trazem atreladas a elas visões de mundo e formas de vida que cativam os olhares dos consumidores, essas mercadorias atingem o desejo do indivíduo, que faz com que o produto se torne como um sonho de consumo que pode ser usado e logo depois substituído por outro novo objeto de consumo.

Bauman (2011), em contrapartida, encara a pós-modernidade como “modernidade líquida”. Para esse autor as características da modernidade apenas mudaram de forma, mas não mudaram necessariamente a sua essência. Por exemplo, a modernidade é marcada por aquilo que é sólido como o gelo, mas o gelo pode mudar de forma e derreter e assim a forma se altera: o sólido se torna líquido. Mas o componente (H2O) permanece o mesmo, assim também ocorre com a sociedade, só

que de uma forma mais lenta: com mudanças de perspectivas, grandes descobertas, os avanços tecnológicos, os avanços marítimos e as catástrofes geradas pelas guerras. Também, desse modo, o modelo de sociedade também vai se modificando, a liquidez é marcada pela mudança, o líquido consegue se adaptar aos espaços e preenchê-los, sendo caracterizado por aquilo que é efêmero, que não foi feito para durar. É o que, de acordo Bauman (2011), é característico da então chamada modernidade líquida, a sociedade do aqui e agora:

> O mundo que chamo de 'líquido' porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição (BAUMAN, 2011, p. 06).

Fromm (1986) propõe a existência de dois verbos, a saber, o "Ser" e o "Ter" os quais guiam e ao mesmo tempo geram um conflito no ser humano. O modo de "Ter" existe com base em uma sociedade gananciosa cuja sobrevivência é baseada no lucro, poder e na satisfação dos desejos. Essa "política" do consumo que vem do "Ter" está imposta na sociedade e acaba gerando um vazio, no qual até mesmo as pessoas são consideradas como símbolo de consumo. O modo de "Ser" é a percepção da realidade e a penetração que vai além da superfície do "Eu". De acordo com Fromm (1986 p. 45):

> Em resumo, consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: aliviar ansiedades, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, pois o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer. Os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: Eu sou igual ao que tenho e o que consumo (FROMM, 1986, p. 45).

O "consumo" não é mais uma experiência humana significativa, mas uma forma de satisfazer fantasias artificialmente estimuladas que na realidade são alheias à nossa existência real e concreta. Comemos e bebemos as fantasias que nos são oferecidas e impostas pelo mundo de propagandas que nos rodeia, além dessas propagandas também influenciam na forma como nos relacionamos uns com os outros, o próprio ato de "ficar"[5], famoso entre os jovens, é, entre outras coisas, um ato de consumo.

Conforme ilustrado no filme "Os delírios do consumo de Becky Bloom" (2009) muitas pessoas associam excessivamente o ato de comprar desnecessariamente com uma sensação de satisfação e alegria. Isso pode se qualificar com uma compulsão ou vício

[5]Falaremos melhor sobre o termo "ficar" no item 3.1.

semelhante ao sentido por usuários de drogas ou alcoólatras. Em casos mais graves, isso pode se tornar uma doença compulsiva – a chamada oneomania.

Segundo Bauman (2004), consumimos e somos consumidos ao mesmo tempo, porque somos “comercializáveis” e essa prática de consumo torna-se não apenas o real propósito de existência para cada vez mais pessoas, mas também uma condição para a reprodução de nossos padrões. De acordo com o mesmo, “[...] na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável [...]” (BAUMAN, 2008, p. 20).

Aqueles que precisam se agarrar aos bens ou serviços, mas não por tempo suficiente, para permitir que o tédio se instale, são os bem-sucedidos na sociedade do consumo. Assim, o hábito de alugar coisas ao invés de comprá-las ganhou força, desta forma as pessoas poderiam se dispor do objeto quando não lhes fosse mais útil. E o fornecedor para fazer com que o cliente compre ou alugue o produto, oferece alguma oferta de reembolso caso o produto não cumpra com as necessidades do consumidor. De acordo com Bauman (2004), isso também acontece nas relações, por exemplo, nas relações puramente sexuais:

> A "purificação" do sexo permite que a prática sexual seja adaptada a esses avançados padrões de compra/locação. O "sexo puro" é construído tendo-se em vista uma espécie de garantia de reembolso — e os parceiros do "encontro puramente sexual" podem se sentir seguros, conscientes de que a inexistência de "restrições" compensa a perturbadora fragilidade de seu engajamento (BAUMAN, 2004, p. 69).

Então, relações não se tratam de uma companhia de afeto e amor como na modernidade sólida, mas de uma conexão que traga alegria, mesmo que efêmera, para os indivíduos. A necessidade da modernidade fluida é a busca do prazer a todo custo, o que acaba transformando os indivíduos em objetos.

> E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exigem esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem e exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 21).

Bauman (2004) diz que “A vida consumista favorece a leveza e a velocidade. E também a novidade e a variedade que elas promovem e facilitam. É a rotatividade e não o volume de compras, que mede o sucesso na vida do *homo consumens”*

(BAUMAN, 2004, p. 69). Nessa mesma linha de pensamento o autor sugere que “[...] usada repetidamente, a mercadoria adquirida impede a busca por variedade, e a cada uso a aparência de novidade vai se desvanecendo e se apagando”. (BAUMAN, 2004, p. 69).

Sendo assim, observou que os relacionamentos amorosos provaram ser investimentos de alto risco porque representam um futuro planejado e as pessoas não querem perder tempo em relações que podem não levar a algum resultado concreto. O que se visa é a máxima performance, ou seja, alcançar satisfação com o mínimo esforço.

3 A FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES HUMANAS NO CONTEXTO DO SÉCULO XXI

No que se refere a fluidez das relações humanas, na sociedade atual, a mesma é caracterizada cada vez mais por um comportamento mais individualista, as pessoas têm buscado por autossatisfação e as necessidades do “Eu”, têm prevalecido sobre as necessidades do “Outro”. O olhar e atenção é voltado para si mesmo, o que torna a sociedade mais imediatista e com menos tolerância. Essa intolerância em relação ao Outro e a preocupação exacerbada com as demandas do Eu, indicam um valor menor ao ser humano e maior aos interesses.

As pessoas estão cada vez mais insatisfeitas com o que têm e, às vezes, não conseguem ter certeza do que realmente querem. Atraídos por essa dinâmica pós-moderna, da qual a velocidade e a rapidez são as marcas desse período, e as relações familiares, amorosas e profissionais tornam-se frágeis. Bauman (2011) argumenta que as principais características da modernidade fluida são o distanciamento, a temporalidade, a aceleração do processo de individuação e o conflito entre o compromisso e a liberdade.

Para Cavalcanti (2012), os sociólogos confirmam que as crianças de hoje se desenvolvem mais rápido, o que foi comprovado cientificamente por meio de pesquisas comportamentais. Os jovens de hoje namoram mais cedo e aprendem sobre todos os aspectos da vida adulta antes de sua, determinadamente, idade adulta. Além disso, essa geração apresenta uma maior autonomia, sustentabilidade e independência dos responsáveis. Isso faz com que eles acabem amadurecendo sexualmente três anos antes da geração anterior.

Cinquenta anos atrás, um casal poderia namorar, mas eram vigiados por suas famílias.

Era permitido que eles ficassem sozinhos, somente após o casamento. Existia uma cultura conservadora, da qual os pais cuidavam de suas filhas para que não ficassem “mal faladas” perante a sociedade. Muitos casais, também, não tinham tanto tempo para se conhecerem e estabelecerem relações, muitas vezes se casavam com pessoas conhecidas da família. Hoje em dia, o namoro é mais aberto, com um contato mais intimista, permitindo mais conversas e uma aparente melhor compreensão do outro. Namorados, ficantes ou paqueras dormem juntos mesmo sem a necessidade de serem casados. Além disso, essa mudança se deu, também, porque no Brasil, até 1977, não era permitido divorciar-se, o casamento era indissolúvel, as pessoas que por ventura se “separavam” não eram reconhecidas por lei e não poderiam se casar novamente com outra pessoa. Mas no dia 26 de dezembro de 1977 foi sancionada a Lei do Divórcio.[6]

Dessa forma, as chamadas fases da vida amorosa (flerte, namoro, noivado e casamento) deixaram de ser impostas como uma sequência lógica e obrigatória que todos, homens e mulheres, deveriam seguir. Com uma maior liberdade nos atos de se relacionar afetivamente, isso permitiu que cada uma dessas “etapas” adquira seu próprio valor e deixe de ser considerada uma “etapa”. Embora muitas pessoas não reproduzam esse padrão ideal, ele as orienta e serve de referência, seja positiva, um ideal a ser alcançado, ou negativa, um padrão do qual pretende se livrar, pois, é visto como limitador da liberdade pessoal e a possibilidade de vivenciar outras relações mais iguais e agradáveis. Hoje em dia, essas etapas não exigem uma sequência lógica, as pessoas podem pular “etapas”, como por exemplo, de se conhecerem, se relacionarem sexualmente e de morarem juntos.

Isso significa que a relação pode se esgotar no próprio ato - como numa situação em que um jovem "fica" com outro(a) por alguns minutos ou horas sem dar continuidade ao ato. Mas o que seria o termo ficar? Como se originou?

3.1 Uma nova forma de se relacionar: “ficar”

Este capítulo é de extrema importância para nossa pesquisa, pois a leitura dele irá ajudar na compreensão da pesquisa empírica presente no item 4.

Ficar é uma expressão utilizada, por volta dos anos 1980, para designar um tipo de relação em que as carícias mútuas, não tem o compromisso com o outro como fator

[6]A Lei do Divórcio (Lei 6515/77): “Art 1º - A separação judicial, a dissolução do casamento, ou a cessação de seus efeitos civis, de que trata a ementa”.

fundamental. “Ficar” não tem como pré-requisito conhecer a pessoa antecipadamente e também não tem duração definida. As pessoas podem “ficar” para um único beijo, uma noite inteira, nas férias ou até meses ,sem a necessidade de assumir oficialmente um relacionamento, ou, como dizem, um “relacionamento sério”.

Na prática do “ficar” Chaves (2010) o outro é visto como um objeto, como uma fonte de prazer. Mesmo que a outra pessoa não seja vista como um meio de obter gratificação própria, manter um relacionamento amoroso estável com ela pode ser visto como um compromisso e responsabilidade adicional do indivíduo, pois ele precisa responder a várias obrigações e demandas de forma sociedade competitiva, tendo como guia as leis de mercado. Com essa percepção, os indivíduos podem acabar optando por relacionamentos amorosos casuais ou descomprometidos. Os jovens de hoje estão em busca de curtir a vida, sem apego e sem compromisso, o “ficar” surge como uma alternativa de se relacionar sem precisar se comprometer ou ter que enfrentar algum tipo de contratempo ou “dor de cabeça” que teria em uma relação estável, além de que uma relação estável demanda investimento: tempo e dedicação. O que é o que mais falta nessa geração, o tempo visto como ouro e na sociedade do fast food, o que exige dos relacionamentos é que deem o máximo prazer em um curto período de tempo, o ficar é visto como um “test drive”.

Jarvie, citada por Bauman (2004, p. 36), quando falava das relações fluídas, Jarvie utiliza uma metáfora para exemplificar as relações interpessoais contemporâneas, as quais ela chama de “relações de bolso”. Para a jornalista: “As relações de bolso são assim chamadas porque você as guarda no bolso, de modo a poder lançar mão delas quando for preciso" (JARVIE apud BAUMAN, 2004, p. 36).” E seguindo nesse ponto ela identifica como: “Uma relação de bolso bem sucedida é doce e de curta duração (JARVIE apud BAUMAN, 2004, p. 36).”

Ao pensarmos na observação quanto às "relações de bolso”, podemos analisar que a função principal do bolso é guardar objetos de fácil acesso. Guardamos no bolso chaves, moedas, papéis etc. O espaço de um bolso não é adequado para carregar algo por muito tempo, pois pode causar alguns transtornos, por isso abrimos mão das coisas que nos incomodam. Existe a possibilidade de esquecermos algo no bolso, mas se usarmos uma peça de roupa com frequência é possível encontrarmos o item esquecido e retirá-lo. Dessa forma o bolso não é o local adequado para guardarmos coisas muito valiosas.

É nesse sentido que para Tessari (2005, p. 01):

> O comportamento das pessoas muda ao longo do tempo de acordo com os conhecimentos, usos, costumes e hábitos da época. Há poucos anos, este comportamento seria inadmissível socialmente, embora seja algo comum e aceito atualmente. Este comportamento é reflexo do momento atual, onde todos querem ter prazer na maior quantidade e em menor tempo possível. Além destes fatores, existe ainda a necessidade dos garotos de "contarem vantagem" para os seus amigos a respeito do número de pessoas com quem ficaram (sendo uma espécie de autoafirmação) ou mesmo de se sentirem valorizados e "superiores" diante dos amigos; é também uma forma de evitar um compromisso mais sério, por medo de virem a sofrer se vierem a ter um relacionamento mais sério e compromissado (o que pode ser um reflexo de maus relacionamentos anteriores).

Para Tessari (2005) esse fenômeno ocorre naturalmente, não sendo considerado negativo, de acordo com ela, ajuda as pessoas a escolherem melhor os futuros namorados e parceiros de casamento.

Bauman (2004) analisa que cada vez mais o amor tem sido subestimado. O consumismo e imediatismo, levam o indivíduo a pensar que a capacidade de amar é potencializada pelas experiências amorosas, mas, como aponta o autor, isso acaba gerando episódios intensos e curtos, pois sempre se acredita que o próximo relacionamento será mais bem-sucedido.

Na pesquisa desenvolvida por Falcke e Zordan (2010), buscou-se investigar a opinião de adultos jovens sobre romantismo, família, papéis conjugais e permissividade sexual, comparando as opiniões de homens e mulheres. De acordo com a análise dos dados coletados o amor é importante, mas não é mais percebido como eterno e exclusivo.

> Observa-se, no cotidiano, que o casamento está ocorrendo mais tarde no ciclo evolutivo vital, sendo prioritários os investimentos na formação profissional, tanto para homens como para as mulheres, também porque, com a maior liberdade sexual, não é necessário casar para ter uma vida sexual ativa. Quanto às opiniões em relação ao romantismo, constata-se que o amor é valorizado, é importante, porém não é mais percebido como eterno, total, exclusivo, único e reconhecido de imediato (FALCKE; ZORDAN, 2010, p. 151).

Nesse sentido, torna-se importante compreender porquê os jovens estão estabelecendo relações efêmeras e se há realmente uma ligação entre relação e consumo nas relações interpessoais da atualidade, veremos isso no capítulo a seguir.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O intuito deste vigente trabalho é analisar se há fluidez nos relacionamentos amorosos contemporâneos e se o consumismo afeta essas relações.

O público entrevistado constituiu-se de jovens entre 15 a 25 anos, residentes de Vitória, Espírito Santo. Foi realizada uma pesquisa exploratória, por meio de um

formulário com cinco perguntas, que foram respondidas por um total de quatorze entrevistados, de ambos os gêneros, dos quais dentre os respondentes havia nove mulheres e cinco homens. Nessa pesquisa foi questionado o que era o termo “ficar”, o que era um relacionamento e se o entrevistado(a) já havia se relacionado de maneira casual. Com base nesses dados tivemos um primeiro contato com o público que haveria de ser pesquisado, nos auxiliando na coleta seguinte.

A partir disso, efetuamos uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa com um questionário mais elaborado. Foram realizadas 10 entrevistas semiestruturadas com jovens. Com o intuito de compreender a forma que os respondentes encaram as relações, tratou-se de uma pesquisa focada em compreender aspectos mais subjetivos como comportamentos, ideias e pontos de vista. Desse modo, para melhor entendimento as respostas foram classificadas em categorias (MINAYO, 2010).

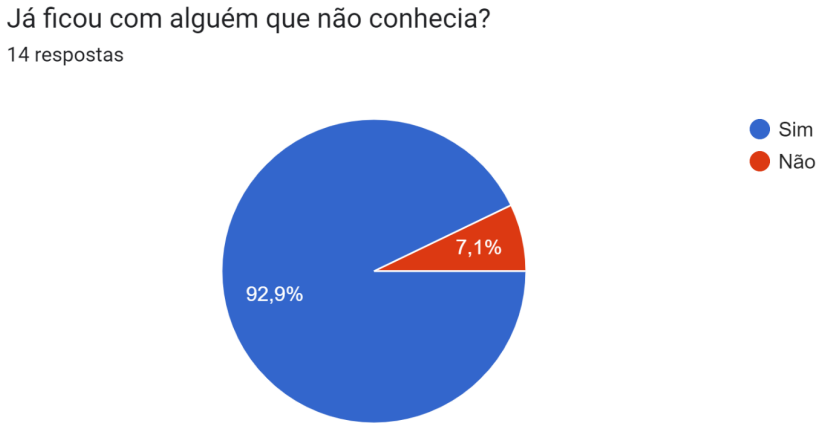
Dadas as limitações deste artigo, essa coleta de dados fornece-nos uma análise possível de alguns dos resultados alcançados. Portanto, não esgota o material obtido a partir das questões norteadoras e muito menos o referencial teórico utilizado.

Para facilitar o entendimento do leitor, as falas dos respondentes apareceram editadas no que diz respeito aos vícios de linguagem e aos erros gramaticais. As respostas estarão em um quadro, onde os respondentes são identificados pela inicial do nome (com o intuito de resguardar a verdadeira identidade do indivíduo), seguido de gênero e de idade.

5 UMA ANÁLISE QUALITATIVA DAS PERCEPÇÕES SOBRE O FICAR DE UM GRUPO DE JOVENS CAPIXABAS

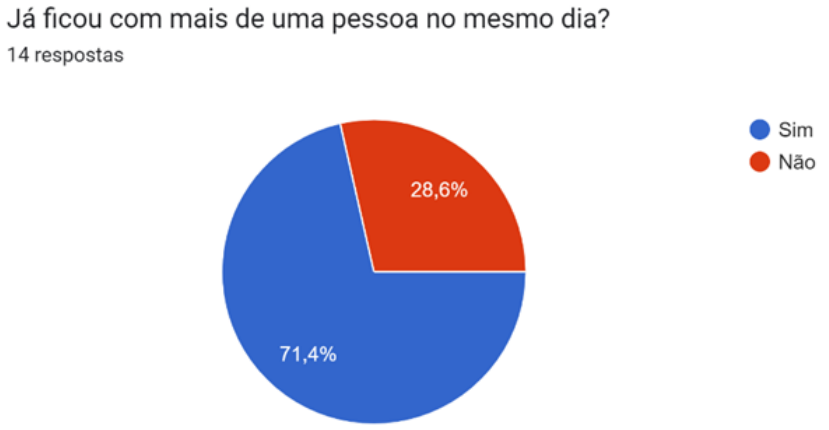
Os relacionamentos amorosos contemporâneos podem ser expressos das seguintes maneiras: casamentos menos duradouros, menos tolerância ao conflito, menos paciência e imediatismo. Há também a visão de que nada dura para sempre e que a velocidade com que as pessoas formam laços emocionais é proporcional ao tempo que levam para rompê-los (ZORDAN; STREY, 2010).

No primeiro contato com o objeto de pesquisa, foi possível perceber o olhar do jovem para as relações amorosas e a forma como o “ficar” é visto, de acordo com o gráfico a seguir:



Dos 14 entrevistados, 92,9% dos participantes da pesquisa responderam que já “ficaram” com alguém que não conheciam e que já “ficaram” com um indivíduo e depois nunca mais o viram.

A partir deste dado pode-se constatar que a maioria dos jovens respondentes não se preocupa em conhecer alguém de forma mais profunda antes de se relacionar intimamente.



71,4% disseram que já se relacionaram com mais de uma pessoa no mesmo dia.

As respostas obtidas chamaram a atenção, trazendo um olhar mais reflexivo sobre as relações na contemporaneidade, nos levando aos seguintes questionamentos: o que faz com que se tenha essa troca constante de parceiros(as) amorosos? Será que o consumo tem influência sobre as relações? Será que a prática do “ficar”, muito comum

entre os jovens, é, na verdade, influenciada pela objetificação do indivíduo como sugerem os autores no referencial teórico?

A partir dessas premissas, com o aprofundamento de nossa pesquisa de campo de cunho qualitativo, se buscou analisar a forma que o consumo torna as relações cada vez mais líquidas. 80% dos respondentes do estudo acreditam que para “ficar” com alguém não precisa ter sentimentos, no quadro abaixo foram destacadas algumas respostas.

Quadro 1:

Para ficar com alguém é necessário ter sentimentos ou não?
Necessário somente a atração sexual, quando existe sentimento já se torna um relacionamento sério. (G, feminino, 24 anos)
Ah, test drive (risos), a pessoa quer se divertir, quer beijar na boca e vai lá e beija qualquer pessoa, principalmente em festa, né, que acontece isso? Que as pessoas saem beijando qualquer um. (A, feminino, 20 anos)
Na minha opinião, para ficar com uma pessoa você só precisa ter atração física, o sentimento é consequência talvez da ficada, caso eles queiram[...] os dois tenham consentimento de ter algo a mais, tipo um namoro. (T, feminino 17)
Ficar é não criar laços profundos, não querer construir uma relação. (P, masculino, 23 anos)

Assim, os indivíduos quando “ficam” podem até mesmo não se conhecerem, pois esse ato não tem o sentimento e a confiança como princípios e, sim, a atração física e a diversão.

> Cabe notar que também, e principalmente, a subjetividade humana é atravessada pelas exigências de movimentação e ruptura com espaços delimitados e estáveis. As fronteiras afetivas estão sendo sacolejadas para dar lugar a vínculos mais fluidos, dispersivos e móveis, ou seja, os afetos estão sendo também globalizados. Não é à toa que o "ficar" desponta como a mais nova forma de relacionamento amoroso entre os adolescentes (JUSTO, 1997, p. 91).

Seguindo essa linha, foi questionado se o estilo de se vestir da outra pessoa poderia influenciar o entrevistado a ficar ou não com o indivíduo, com o que 70% responderam que a estética tem influência.

Quadro 2:

A vestimenta do indivíduo tem influência sobre o ficar?
Tem influência, pois nós seres humanos, seres estéticos possuímos em nossas mentes uma

ideia do belo, do atraente, então julgamos o outro com essas réguas e então decidimos mesmo que de forma inconsciente ficamos ou não. (H, masculino, 24 anos)
[...], mas antes de conhecer você a vê pela aparência, o que ela está te mostrando ali, ainda não a conhece para saber se independente da vestimenta você a beijaria. Então, acho que isso influencia muito [...] a aparência. (T, feminino, 17 anos)
Eu gosto de pessoas nerds e inteligentes [...] meus amigos já me disseram que eu gosto de gente que tem cara de maconheiro, então pode ser que sim, eu nunca tinha parado para perceber. (A, feminino, 20 anos)

Como demonstra o quadro de respostas acima, o ato de ficar é influenciado pela aparência do outro indivíduo, por se tratar de uma relação mais superficial, não há a necessidade de criar um vínculo mais íntimo e sim buscar o estereótipo de “perfeição”. O pensamento dos respondentes vai de encontro com o que Bauman (2004) sugere: a atração sexual os leva a se relacionar com a pessoa ideal e perfeita, mas com o tempo essas expectativas são frustradas e os relacionamentos que começam com atração sexual e comportamento impulsivo geralmente terminam.

Quadro 3:

Possui um padrão estético?
Moreno, alto, educado, engraçado. (G, feminino, 24 anos)
Me atraio bastante por pessoas que usam óculos, e possuem o maxilar bem definido. E por pessoas da minha idade no máximo, além disso já não acho tão atraente. (H, masculino, 24 anos)
Mais alto do que eu, mãos limpas, cheiroso, que está sempre arrumado, dentes bonitos. (P, masculino, 23 anos)
Sim. Pessoalmente, gosto de pessoas estilosas, a forma de se vestir é a primeira coisa que me atrai em alguém. (F, feminino, 23 anos)

Com base nas respostas obtidas é possível observar que as pessoas são vistas como uma mercadoria a ser consumida. Assim como olhamos um produto na prateleira do

supermercado e vemos qual embalagem chama mais a atenção, as pessoas entram em redes de relacionamento, como: Tinder, Grindr e Badoo e escolhem o indivíduo que a aparência chame mais atenção. Até mesmo quando se conhece alguém em algum evento ou festa, é possível observar se a pessoa está bem vestida, o corte de cabelo, se a roupa está na moda.

Transmite a ideia de que o ser humano pode ser precificado e classificado dentro de uma espécie de catálogo, reduzido a um valor material, isso atinge diretamente a dignidade humana, do homem como ser inviolável, este homem ao ser observado numa visão capitalista, de acordo com o direcionamento das leis de mercado, se torna um produto como outro qualquer.

A relação amorosa começa a obter o mesmo funcionamento de como ocorre o fluxo de uma mercadoria no mundo capitalista: Os indivíduos atendem suas necessidades como sujeitos-objetos e, quando não forem mais eficazes, ou seja, o relacionamento não gerar mais recompensas, simplesmente serão trocados por algo melhor. (Guedes; Assunção, 2006). Schmitt e Imbelloni (2011) acreditam que essa lógica funciona muito bem para o sistema capitalista, pois uma vez que se deseja um relacionamento curto sem causar danos, a tecnologia proporciona essa relação de amor consumista (custo benefício).

Segundo Guedes e Assunção (2006), o capitalismo está tão enraizado nos relacionamentos amorosos que os indivíduos estão supervalorizando o corpo e as aquisições de bens, são influenciados pela mídia a viver suas fantasias narcísicas e se sentirem desejados. O produto dessa dinâmica é, portanto, uma sociedade capitalista pós-moderna na qual os sujeitos e suas relações são puramente comercializáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi fazer uma análise filosófica de como o consumismo afeta as relações jovens contemporâneas, tendo como público pesquisado o jovem capixaba.

A partir dos resultados coletados nessa pesquisa é possível concluir que as relações amorosas contemporâneas sofrem forte influência do consumo, onde o ficar se resume em um mero ato de consumo.

Dada a abrangência do assunto estudado, é necessário levar em consideração os limites deste estudo, como o pequeno número de participantes, o que não permite generalizações, principalmente porque é um assunto complexo, em que várias questões subjetivas podem ser abordadas para sua compreensão, a motivação das relações afetivas, no que cerne as práticas do ficar e os sentimentos mobilizados nas relações interpessoais.

Por fim, considera-se que este estudo contribui para a elucidação das relações amorosas no mundo contemporâneo, porém não esgota o tema, no qual há um cruzamento de fatores que merecem um melhor entendimento por meio de estudos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Zahar, Rio de Janeiro, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Zahar, Rio de Janeiro, 2008.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Zahar, Rio de Janeiro, 2011.

CAVALCANTI, R. Relacionamento entre jovens nos dias atuais. **Web Artigos**. Alagoas, 2012. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/artigo-relacionamento-entre-jovens-nos-dias-atuais/87924>. Acesso em: 3 ago. 2022.

CHAVES, J. C. As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade, **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n.01, p. 28-46, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n1/v16n1a04.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CHAVES, J. C. Contextuais e Pragmáticos: Os relacionamentos amorosos na pós-modernidade. 2004, 212 f. **Teses da UFRJ**, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/JacquelineCChaves.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2022.

DOUGLAS, M. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

FALCKE, D; ZORDAN, E. Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 62, 143-155, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n2/v62n2a13.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

FROMM, E. **Ter ou Ser?**. LTC, Rio de Janeiro, 1986.

GUEDES, D; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios

do colapso do amor romântico. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 4, n.2, p. 396-452, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/07.pdf>. Acesso em: 17 jun 2022.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, Rio de Janeiro, v. 17, n.01, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/CzDWtQfHHy7ktgH7S8gfSMF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago 2022.

LÉVINAS, E. **Ética e Infinito**. Edições 70, Lisboa, 1982.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**. Cia. das Letras, São Paulo, 2007.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.sergiofreire.pro.br/ad/LYOTARD_ACPM.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. Boitempo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2545967/mod_resource/content/1/MARX%3B%20ENGELS.%20Manifesto%20Comunista.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2022.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, E. C. A. C. Lyotard e o fim das metanarrativas: A crônica literária em questão. **Revista Científica da Fasete**, 2016.1. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2016/10/lyotard_e_o_fim_das_metanarrativas.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2022.

OS DELÍRIOS de consumo de Becky Bloom. Direção: P. J. Hogan. Roteiro: Kayla Alpert, Tracey Jackson e Tim Firth. Intérpretes: Isla Fisher, Hugh Dancy, Krysten Ritter, Joan Cusak. Nova York: Touchstone Pictures, 2009. DVD (104 min). Baseado no livro “Os delírios de consumo de Becky Bloom.” de Sophie Kinsella.

REALE, G. **Filosofia**: Idade Moderna. Paulus Editora, São Paulo, 2018.

SCHMITT, S. ; IMBELLONI, M. **Relações amorosas na sociedade contemporânea**. 2011. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0583.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TESSARI, O. Teste drive no relacionamento. **Gazeta digital**. Cuiabá, 2005. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/suplementos/zine/test-drive-no-relacionamento/86525>. Acesso em: 13 ago. 2022.

ZORDAN, E. P; STREY, M. N. A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos. **Tese de doutorado**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4828/1/000422211-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2022.